

STEPHEN
KING

MR. MERCEDES

Tradução

Regiane Winarski



Copyright © 2014 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Mr. Mercedes

Capa

Tal Goretsky

Imagen de capa

Sam Weber

Preparação

Carolina Vaz

Revisão

Rachel Rimas

Thaís Totino Richter

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen

Mr. Mercedes / Stephen King ; tradução de Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2016.

Título original: *Mr. Mercedes*.

ISBN 978-85-5651-002-0

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana. I.
Título.

16-00299

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Pensando em James M. Cain

Eles me jogaram para fora do caminhão de feno por volta do meio-dia...

MERCEDES CINZA

9-10 de abril de 2009

Augie Odenkirk tinha um Datsun 1997 que ainda funcionava bem, apesar da quilometragem alta, mas gasolina custava caro, principalmente para um homem desempregado, e o City Center ficava do outro lado da cidade. Por isso, decidiu pegar o último ônibus da noite. Ele saltou às 23h20 com a mochila nas costas e o saco de dormir enrolado debaixo do braço. Achou que lá pelas três da manhã ficaria feliz por ter levado o saco de dormir com enchimento de pluma de ganso. A noite estava nebulosa e fria.

— Boa sorte, cara — disse o motorista quando ele desceu. — Você deveria ganhar alguma coisa só por ser o primeiro a chegar.

Só que ele não foi o primeiro. Quando Augie chegou ao cume do caminho largo e íngreme que levava ao grande auditório, viu um amontoado de pelo menos vinte pessoas já esperando do lado de fora, algumas de pé, a maioria sentada. Barras com fitas amarelas em que se lia NÃO ULTRAPASSE tinham sido arrumadas de forma a criar um percurso complicado cujas voltas e mais voltas lembravam um labirinto. Augie estava familiarizado com esse tipo de coisa por causa dos cinemas e do banco em que tinha uma conta com saldo negativo e compreendia para que funcionava: amontoar o máximo de gente possível no menor espaço possível.

Quando chegou ao fim do que logo seria uma fila de candidatos a emprego à la dança da conga, Augie ficou impressionado e consternado ao notar que havia uma mulher com um bebê dormindo em um sling. As bochechas da criança estavam vermelhas por causa do frio; cada expiração saía com um ronco suave.

A mulher ouviu a aproximação meio ofegante de Augie e se virou. Era jovem e até bonita, mesmo com as olheiras. Aos pés dela havia uma malinha xadrez. Augie supôs que era o kit de sobrevivência do bebê.

— Oi — cumprimentou ela. — Bem-vindo ao Clube dos Madrugadores.

— Com sorte, não vamos sair de mãos abanando. — Ele refletiu, decidiu mandar tudo às favas e esticou a mão. — August Odenkirk. Augie. Fui liberado recentemente. É o jeito do século XXI de dizer que fui demitido.

Ela apertou a mão dele. Tinha um aperto bom, firme e nem um pouco tímido.

— Sou Janice Cray, e minha bolotinha de felicidade é Patti. Acho que também fui liberada. Eu era empregada de uma boa família em Sugar Heights. Ele, há, é dono de uma concessionária de carros.

Augie fez uma careta.

Janice assentiu em concordância.

— Eu sei. Ele disse que lamentava ter que me mandar embora, mas precisavam cortar custos.

— Isso tem acontecido bastante — disse Augie, pensando: *Você não conseguiu ninguém para tomar conta do bebê? Ninguém mesmo?*

— Eu tive que trazê-la. — Augie concluiu que Janice não precisava ler mentes para saber o que ele estava pensando. — Não tenho mais ninguém. Literalmente ninguém. A garota da minha rua não podia ficar a noite inteira nem que eu pudesse pagar, e não posso. Se eu não conseguir um emprego, não sei o que vai ser de nós.

— Seus pais não puderam ficar com ela? — perguntou Augie.

— Eles moram em Vermont. Se eu fosse esperta, levaria Patti para lá. É bonito. Só que eles já têm problemas demais. Meu pai diz que a casa está afundando. Não de verdade, eles não moram em um mangue nem nada disso, é alguma coisa financeira.

Augie assentiu. Isso estava acontecendo bastante também.

Alguns carros começaram a surgir na ladeira íngreme da Marlborough Street, onde Augie tinha descido do ônibus. Viraram à esquerda, no estacionamento enorme e vazio que sem dúvida estaria lotado pela manhã... horas antes de a Primeira Feira Anual de Empregos da Cidade abrir as portas. Nenhum dos carros parecia novo. Os motoristas estacionaram, e três ou quatro candidatos a emprego saíram da maioria dos veículos e seguiram na direção das portas do auditório. Augie não estava mais no fim da fila. A última pessoa antes dele já estava quase na primeira dobra do labirinto.

— Se eu conseguir um emprego, vou pagar uma babá — disse Janice.
— Mas hoje Patti e eu vamos ter que nos virar.

O bebê deu uma tossida rouca da qual Augie não gostou, se mexeu no sling e se acalmou de novo. Pelo menos estava bem agasalhada; havia até umas luvinhas bem pequeninhas nas mãos dela.

Crianças sobrevivem a coisas piores, disse Augie a si mesmo, inquieto. Ele pensou no Dust Bowl, as tempestades de areia, e na Grande Depressão. Bem, a crise atual já era bem deprimente para ele. Dois anos antes, tudo estava bem. Ele não tinha uma vida luxuosa, mas conseguia pagar as contas e ainda sobrava um pouquinho no final da maioria dos meses. Agora, tudo estava uma merda. Tinham feito alguma coisa com o dinheiro. Ele não entendia o quê; era só mais um funcionário no departamento de frete da Great Lakes Transportes, e só sabia sobre faturas e usar o computador para despachar coisas por navio, trem e avião.

— As pessoas me veem com um bebê e acham que sou irresponsável — reclamou Janice. — Eu percebo, vejo nas expressões delas, vi na sua. Mas o que mais eu poderia fazer? Mesmo que a garota lá da minha rua pudesse ficar com Patti a noite toda, eu teria que pagar oitenta e quatro dólares. *Oitenta e quatro!* Já separei o valor do aluguel do mês que vem e, fora isso, não tenho mais nada. — Ela deu um sorriso e, sob as luzes fluorescentes do estacionamento, Augie viu lágrimas se formando em seus cílios. — Estou falando demais.

— Não precisa se desculpar, se é isso que você está fazendo.

A fila já tinha feito a primeira curva e alcançara o ponto em que Augie estava. E a garota estava certa. Ele viu várias pessoas encarando o bebê dormindo no sling.

— Ah, é isso mesmo. Sou uma mãe solteira desempregada. E quero pedir desculpas a todo mundo por tudo.

Ela se virou e olhou para a faixa afixada acima das portas de entrada. 1000 EMPREGOS GARANTIDOS!, dizia. E, logo abaixo: *“Apoiamos o povo da nossa cidade!”* — PREFEITO RALPH KINSLER.

— Às vezes tenho vontade de pedir desculpas por Columbine, pelo Onze de Setembro e por Barry Bonds ter tomado esteroides. — Ela soltou uma risadinha semi-histérica. — Às vezes tenho até vontade de pedir desculpas pela explosão do ônibus espacial, e, quando isso aconteceu, eu ainda estava aprendendo a andar.

— Não se preocupe — disse Augie. — Vai ficar tudo bem.

Era só uma daquelas coisas que se diziam.

— Eu queria que não estivesse tão úmido, só isso. Eu a agasalhei toda para o caso de estar muito frio, mas essa umidade... — Ela balançou a cabeça.

— Mas nós vamos sobreviver, não vamos, Patti? — Ela deu um sorrisinho bem desanimado para Augie. — Agora vamos torcer para não chover.

Não choveu, mas a umidade aumentou a tal ponto que eles viam gotículas suspensas nas lâmpadas fluorescentes. Em determinado momento, Augie percebeu que Janice estava dormindo em pé. Ela estava com os quadris projetados para a frente e os ombros caídos, com o cabelo escorrido como asas negras ao redor do rosto e o queixo quase encostando no peito. Ele olhou para o relógio e viu que faltavam quinze minutos para as três da manhã.

Dez minutos depois, Patti Cray acordou e começou a chorar. A mãe (a *mãe solteira*, pensou Augie) levou um susto, fez um ruído que mais parecia o relinchar de um cavalo, levantou a cabeça e tentou tirar o bebê do sling. Primeiro, ela não saiu; as pernas estavam presas. Augie tentou ajudar, segurando os dois lados do tecido. Quando Patti saiu, berrando, ele viu as lágrimas brilhando no casaquinho rosa e no gorro combinando.

— Ela está com fome — disse Janice. — Posso dar o peito, mas ela também está com a fralda molhada. Pela calça já sei. Meu Deus, não posso trocá-la aqui. Veja como ficou enevoado!

Augie se perguntou que divindade com senso de humor tinha planejado que ele ficasse na fila logo atrás dessa mulher. Também se perguntou que diabo essa mulher teria que enfrentar pelo resto da vida, pela vida *toda*, não só pelos próximos dezoito anos, mais ou menos, em que seria responsável pela menina. Sair em uma noite assim, sem nada além de uma bolsa cheia de fraldas! Estar desesperada a esse ponto!

Ele tinha colocado o saco de dormir ao lado da bolsa de Patti. Então se agachou, puxou os cordões, desenrolou o objeto e abriu o zíper.

— Entre aqui. Tente se aquecer e faça com que *ela* se aqueça também. Aí eu passo para você tudo o que precisar.

Janice olhou para ele enquanto segurava o bebê, que se contorcia e chorava.

— Você é casado, Augie?

— Divorciado.

— Tem filhos?

Ele balançou a cabeça.

— Por que está sendo tão gentil com a gente?

— Porque estamos todos no mesmo barco — disse ele, e deu de ombros.

Ela olhou para ele por um momento enquanto decidia o que fazer e acabou entregando o bebê ao homem. Augie segurou a criança com os braços es-

ticados, fascinado pelo rosto vermelho e furioso, pela gota de catarro escorrendo do narizinho arrebitado, pelas pernas em movimento dentro do macacão de flanela. Janice entrou no saco de dormir e levantou as mãos.

— Passe para mim, por favor.

Augie entregou o bebê para Janice, que se afundou ainda mais no saco. Ao lado deles, onde a fila tinha feito a primeira curva, dois jovens observavam.

— Vão cuidar das próprias vidas, caras — disse Augie, e eles desviaram o olhar.

— Você pode me passar uma fralda? — pediu Janice. — É melhor trocar antes de amamentar.

Ele apoiou um joelho no chão úmido e abriu a bolsa xadrez. Ficou momentaneamente surpreso de encontrar fraldas de pano em vez de descartáveis, mas logo compreendeu. As de pano podiam ser reutilizadas. Talvez a mulher não fosse um caso totalmente perdido.

— Estou vendendo um tubo de pomada. Quer que eu pegue também?

De dentro do saco de dormir, com só um tufo do cabelo castanho aparecendo, ela respondeu:

— Quero, por favor.

Ele passou a fralda e a pomada para ela. O saco de dormir começou a se mexer e a sacudir. No começo, o choro aumentou. De um ponto mais ao fim da fila, no meio da névoa crescente, alguém disse:

— Não dá pra calar a boca dessa criança?

Outra voz acrescentou:

— Alguém devia chamar um assistente social.

Augie esperou e ficou observando o saco de dormir. O movimento finalmente parou e uma mão segurando uma fralda surgiu.

— Você pode colocar isto na bolsa? Tem um saco plástico para as sujas.

— Ela olhou para ele como uma toupeira de dentro da toca. — Não se preocupe, não tem cocô, só xixi.

Augie pegou a fralda, colocou no saco (havia COSTCO impresso no plástico) e fechou a bolsa do bebê. O choro no interior do saco de dormir (*tantos sacos*, pensou ele) continuou por mais ou menos um minuto e parou de repente quando Patti começou a mamar no estacionamento do City Center. Acima das portas que só se abririam dali a seis horas, a faixa deu uma única balançada lânguida. 1000 EMPREGOS GARANTIDOS!

Claro, pensou Augie. Também é verdade que se você se encher de vitamina C não vai pegar aids nunca.

Vinte minutos se passaram. Mais carros surgiram no alto da colina, vindos da Marlborough Street. Mais pessoas entraram na fila. Augie estimava que talvez já houvesse umas quatrocentas pessoas esperando. Nesse ritmo, haveria duas mil quando as portas se abrissem, às nove, e era uma estimativa otimista.

Se alguém me oferecer um emprego para fritar hambúrguer no McDonald's, eu vou aceitar?

Provavelmente.

E de caixa no Walmart?

Ah, pode apostar. Com um sorriso largo e um *Como você está hoje?*, Augie achava que conseguiria arrebatar um emprego de recepcionista na mesma hora.

Sou uma pessoa bem sociável, ele pensou. E riu.

De dentro do saco:

— Qual é a graça?

— Nada — respondeu ele. — Cuide da criança.

— Pode deixar.

Havia um sorriso na voz dela.

Às três e meia, ele se ajoelhou, ergueu a aba do saco de dormir e espiou lá dentro. Janice estava encolhida e dormindo pesado, com o bebê ainda no seio. Isso o fez pensar em *As vinhas da ira*. Qual era o nome da garota do livro? A que acabou amamentando o homem? Era um nome de flor, pensou ele. Margarida? Não. Violeta? Não mesmo. Ele pensou em unir as mãos em concha ao redor da boca e perguntar às pessoas: *QUEM AQUI JÁ LEU AS VINHAS DA IRA?*

Quando estava se levantando (e sorrindo por causa desse pensamento absurdo), o nome surgiu na sua mente. Rose. Esse era o nome da garota em *As vinhas da ira*. Mas não só Rose. Rose de *Sharon*. Parecia bíblico, mas ele não podia afirmar com certeza, pois nunca lera a Bíblia.

Ele olhou para o saco de dormir, onde esperava passar as horas da madrugada, e pensou em Janice Cray dizendo que tinha vontade de pedir desculpas por Columbine, pelo Onze de Setembro e por Barry Bonds. Ela deveria incluir o aquecimento global também. Talvez, quando isso tudo estivesse acabado e eles tivessem empregos garantidos (ou não; o não era tão provável quanto o sim), ele pagasse o café da manhã para ela. Não seria um encontro, nada do tipo, só ovos mexidos com bacon. Depois disso, jamais voltariam a se ver.

Mais pessoas chegaram. Elas alcançaram o fim do labirinto de barras com a arrogante fita de **NÃO ULTRAPASSE**. A partir desse ponto, a fila começou a crescer pelo estacionamento. O que surpreendeu Augie (e o deixou pouco à vontade) era o quanto todos estavam *silenciosos*. Como se soubessem que aque-

la missão estava fadada ao fracasso e só estivessem esperando o comunicado oficial.

A faixa sacudiu de forma lânguida novamente.

A névoa continuou a se adensar.

Pouco antes das cinco da manhã, Augie despertou de um cochilo leve, bateu os pés para espantar a dormência e percebeu que uma luz metálica desagradável tinha se espalhado pelo ambiente. Era a coisa mais distante do amanhecer rosado das poesias e dos antigos filmes em tecnicolor; era um antiamanhecer, úmido e pálido como um cadáver recente.

Ele via o auditório do City Center se revelando lentamente em toda a sua glória arquitetônica brega dos anos 70. Via mais de vinte curvas do labirinto de gente enfileirada esperando pacientemente e o fim da fila desaparecendo na névoa. Agora, havia algumas conversas aqui e ali, e quando o zelador usando macacão cinza passou pelo saguão do outro lado das portas de vidro, uma pequena comemoração satírica foi ouvida.

— Vida é descoberta em outros planetas! — gritou um dos jovens que haviam olhado para Janice.

Era Keith Frias, cujo braço esquerdo em pouco tempo seria arrancado.

Algumas pessoas gargalharam com a brincadeira, e várias começaram a conversar. A noite tinha acabado. A luz que nascia não era muito encorajadora, mas era relativamente melhor do que as longas horas da madrugada que tinham acabado de passar.

Augie se ajoelhou de novo ao lado do saco de dormir e inclinou a cabeça para ouvir melhor. Os roncos baixos e regulares que ouviu o fizeram sorrir. Talvez toda a sua preocupação com ela tivesse sido besteira. Ele acreditava que havia pessoas que sobreviviam, talvez até prosperassem, contando com a gentileza de estranhos. Talvez a jovem que ressonava baixinho com o bebê dentro de seu saco de dormir fosse uma delas.

Augie se deu conta de que ele e Janice poderiam se apresentar em várias mesas de candidatura a emprego como um casal. Se fizessem isso, a presença do bebê não seria um indicador de irresponsabilidade, mas sim de dedicação conjunta. Augie não tinha certeza, grande parte da natureza humana ainda era um mistério para ele, mas achava possível. Decidiu compartilhar a ideia com Janice quando ela acordasse para ver o que achava. Eles não podiam dizer que eram casados; ela não estava de aliança e ele tinha tirado a dele de vez três anos antes, mas podiam dizer que eram... como as pessoas chamavam agora? Companheiros.

Carros continuaram a aparecer no alto da ladeira da Marlborough Street em intervalos regulares. Logo haveria pedestres também, recém-saídos do primeiro ônibus da manhã. Augie tinha quase certeza de que começavam a circular às seis. Por causa da névoa densa, os carros que chegavam eram apenas faróis com silhuetas vagas atrás dos para-brisas. Alguns motoristas viam a multidão e davam meia-volta, frustrados, mas a maioria seguia em frente, para as poucas vagas que haviam sobrado, até os faróis traseiros desaparecerem.

Mas Augie reparou em um carro que não deu meia-volta nem seguiu para o canto mais distante do estacionamento. Os faróis estranhamente fortes tinham lanternas de neblina amarelas nas laterais.

Lanternas de alta definição, pensou Augie. É um Mercedes-Benz. O que um Mercedes está fazendo em uma feira de empregos?

Ele pensou que podia ser o prefeito Kinsler indo lá para fazer um discurso para o Clube dos Madrugadores. Para parabenizá-los pela iniciativa, pela dedicação. Se fosse isso, Augie achava que chegar em um Mercedes, ainda que fosse um modelo antigo, era de mau gosto.

Um sujeito mais velho à frente de Augie (Wayne Welland, agora dando seus últimos suspiros na Terra), disse:

— É um Mercedes? Parece um Mercedes.

Augie começou a dizer que claro que era um Mercedes, aquelas lanternas de alta definição eram inconfundíveis, quando o motorista logo atrás buzinou, um estrondo longo e impaciente. As lanternas brilharam com mais intensidade do que nunca, criando cones brancos brilhantes através das gotículas suspensas na névoa, e o carro seguiu em frente, como se a buzina impaciente o tivesse impelido.

— Ei! — disse Wayne Welland, surpreso.

Foi sua última palavra.

O carro acelerou justamente em direção ao local em que a concentração de pessoas era maior e atropelou as fitas de NÃO ULTRAPASSE. Alguns candidatos tentaram correr, mas só os que estavam na parte de trás da multidão conseguiram escapar. Quem estava mais perto da porta, os verdadeiros madrugadores, não teve chance. Eles empurraram as barras e as derrubaram, ficaram enrolados na fita, empurraram uns aos outros. A multidão oscilou para a frente e para trás em uma série de ondas agitadas. Os mais velhos e os menores caíram no chão e foram pisoteados.

Augie foi lançado com força para a esquerda, cambaleou, recuperou o equilíbrio e foi lançado para a frente. Um cotovelo acertou seu rosto logo abaixo do olho direito, e sua visão se encheu de fogos intensos dignos do feriado de Quatro de Julho. Com o outro olho, ele viu o Mercedes não só emergindo da

névoa, mas parecendo *nascer* dela. Era um sedá grande e cinza, talvez um SL500, do tipo com doze cilindros, e agora todos os doze estavam berrando.

Augie foi empurrado e caiu de joelhos ao lado do saco de dormir. Foi chutado repetidamente enquanto lutava para se levantar: no braço, no ombro, no pescoço. As pessoas continuavam a gritar. Ele ouviu uma mulher berrar:

— *Cuidado, cuidado, ele não vai parar!*

Ele viu Janice pôr a cabeça para fora do saco de dormir, piscando, confusa. Mais uma vez, pensou em uma toupeira tímida espiando de dentro do buraco. Uma toupeira fêmea sofrendo de um caso sério de cabelo despenteado.

Ele engatinhou e se deitou sobre o saco de dormir, como se, ao fazer isso, pudesse proteger a mulher e o bebê de uma obra-prima da engenharia alemã de duas toneladas. Ele ouviu pessoas gritando, com o som quase se perdendo sob o rugido cada vez mais próximo do motor do grande sedá. Alguém o acertou na nuca, mas ele mal sentiu.

Houve tempo para ele pensar: *Eu ia pagar o café da manhã para a Rose de Sharon.*

Houve tempo para ele pensar: *Talvez ele desvie.*

Essa pareceu ser a melhor chance deles, provavelmente a única. Ele levantou a cabeça para ver o que estava acontecendo, mas um pneu enorme consumiu sua visão. Ele sentiu a mão da mulher agarrar seu antebraço. Houve tempo de torcer para que o bebê ainda estivesse dormindo. E aí, o tempo acabou.